



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

*Commeio
Brasiliense*

16-08-2008

O NOVO, O VELHO E O BOM

Dizem que, agora, o novo terminal rodoviário será finalmente construído. É o que está nos jornais de ontem. Como já nasce privatizado por um consórcio que terá concessão de 30 anos para explorar o serviço, é possível que desta vez a Rodoferroviária seja desativada.

O que será feito dela, da obra mais

malcuidada e mal-amada de Niemeyer em Brasília? Quando o último guichê de passagem fechar, o último passageiro puser suas malas no bagageiro, o derradeiro ônibus partir, a Rodoferroviária ficará sozinha e talvez essa solidão traga de volta a sua beleza.

Quem me mostrou a escondida beleza da Rodoferroviária foi o professor Cláudio Queiroz, da UnB, um dos seres mais apaixonados pela obra de Niemeyer que já pisou sobre o chão da terra. E um dos que mais poeticamente sabem traduzi-la, até onde meus ouvidos ouviram e meus olhos leram.

A Rodoferroviária — ele foi me di-

zendo de um jeito bem mais bonito do que vou dizer — encerra o Eixo Monumental, conclui a monumentalidade que começa na Praça dos Três Poderes, cumpre suavemente o seu papel. As linhas principais do projeto de Niemeyer surgem, muito nitidamente, ao fim do Eixo, ensinou-me o professor.

Ao contrário do Centro de Convenções, que fugiu inteiramente à escala de Brasília, como quem quer aparecer mais que a dona da casa, a Rodoferroviária pousa sobre o cerrado com a elegância de alguém que sabe o seu lugar e o seu papel.

Olho para foto recente da Rodoferroviária, ela feia e suja, e, mesmo

assim, consigo ver a elegância com que delimita a fronteira oeste do Plano Piloto. As janelinhas do pavimento superior lançam os olhos para o alvo-recer, como diria Juscelino.

As árvores crescidas e o viaduto tentaram engolir a Rodoferroviária, mas as linhas de sua arquitetura resistiram a tudo isso, como uma linda mulher maltratada pelas circunstâncias. É só olhar com cuidado que se encontrará ali a beleza preexistente.

Na primeira vez em que entrei na Rodoferroviária, uns 20 anos atrás, fiquei encantada com umas bandeiras de metal que dançavam no teto do pavimento superior — àquele tempo, ali havia uma lanchonete/restaurante.

Muito mais tarde, soube que é uma obra de Athos Bulcão e se chama Bandeirolas. (Na fachada, também há azulejos do artista).

Construída inicialmente para ser uma estação de trem, a Rodoferroviária quebrou o galho do transporte rodoviário durante décadas. O velho Bandeirante, com seus vagões de camarotes, de poltronas, de restaurante, bastante modesto para os padrões europeus, por exemplo, deixou de fazer a linha Brasília/Campinas (SP) em 1992. A Rodoferroviária vai perder sua função. Reformada, poderá ser devolvida à cidade, para ensinar aos brasilienses, ao modo Cláudio Queiroz, quanta beleza há por aqui.